

SIGMUND FREUD, em suas cartas a Jung de 18 e 22 de dezembro de 1910, escreve:

Meu Schreber está pronto. [...] [Ele] não está formalmente acabado; na verdade, foi feito às pressas. [...] Ao contrário de trabalhos anteriores, desta vez sou absolutamente incapaz de julgá-lo quanto à sua qualidade intrínseca, por causa da luta que travei, durante a sua redação, contra complexos internos (Fliess).

Desta vez, não sei bem até que ponto eu consegui manter afastados meus próprios complexos, e aceitarei de bom grado receber críticas.

Em 1955, 45 anos mais tarde, Ida Macalpine e Richard Hunter, os tradutores para o inglês de *Memórias de um doente dos nervos*, o livro em que Daniel Paul Schreber descreve seu delírio paranoico, constatam:

A tese de Freud sobre a doença de Schreber não foi questionada, nenhum novo material foi acrescentado, não se propôs nenhuma interpretação diferente.

Ao escrever a biografia de Freud, Ernest Jones constata que o ensaio de Freud sobre Schreber teve “consequências desagradáveis” sobre suas relações com Carl Gustav Jung e Sándor Ferenczi.

O JOGO DOS ALGARISMOS CHINESES

FIÇÃO VIENENSE EM HOMENAGEM A OCTAVE MANNONI

Para uma reunião extraordinária de quarta-feira à noite, no final de dezembro de 1910, no intuito de festejar o final de um ano rico, que vira nascer a International Psychoanalytical Association (IPA) e seu manuscrito sobre Schreber, Freud convidou seus principais discípulos para se reunirem com o grupo vienense.

Carl Gustav Jung, Sándor Ferenczi, Karl Abraham, Max Eitingon, Ludwig Binswanger e Oskar Pfister haviam respondido ao chamado. Otto Rank, Alfred Adler, Wilhelm Stekel e Isidor Sadger também estavam lá. Victor Tausk, enfermo, desculpou-se, assim como Fritz Wittels, em viagem.

Uma animada discussão absorvia todos eles. Falavam sobre conteúdos manifestos e latentes, processos primários e secundários, defesa e resistência.

Para resolver uma violenta controvérsia surgida entre Jones e Jung sobre a questão da diferença entre resistência à análise e resistência à teoria analítica, pediu-se a Freud um parecer definitivo. Este lhes propôs, então, um jogo de salão que aprendera com um amigo um pouco doido, cujo nome não queria dizer.

Tratava-se do jogo dos algarismos chineses, que nada tinha a ver com os números chineses em si, mas cuja fama se devia ao fato de que parecia muito complicado.

Freud pediu a seus discípulos que se sentassem no chão e formassem um círculo. Ele fez o mesmo, instalando-se a dois metros de frente para eles e tirou de seu bolso cinco palitos de fósforo. Segundo a disposição dos palitos de fósforo, eles deveriam adivinhar qual algarismo, de um a cinco, representavam.

Na euforia do momento, os amigos disputavam os lugares, como se presentissem que a solução pudesse depender disso. Nas duas extremidades, Jung e Ferenczi se olhavam; no centro, Jones e, um pouco atrás, Abraham. Enquanto os outros se sentavam, Freud se apercebeu da ausência de Tausk e se surpreendeu, ao pensar que, se ele estivesse lá, teria adivinhado o segredo antes mesmo que o jogo começasse.

Ele pediu àquele que primeiro descobrisse a solução, que permanecesse em silêncio para dar aos outros o tempo de compreender. Em seguida, dispôs os cinco palitos de fósforo no mesmo sentido, a igual distância, paralelamente, com a cabeça dos palitos virada para os discípulos. Todos eles, após um breve momento de hesitação, propuseram o algarismo cinco. Freud aquiesceu.

Em seguida, dispôs quatro dos palitos de fósforo no sentido inverso, com as cabeças viradas para ele, deixando o quinto na posição em que estava. Muitos optaram pelo algarismo um e outros pelo algarismo três. “Três”, anunciou Freud, para grande alegria daqueles que acertaram.

No terceiro teste, Freud dispôs os palitos de fósforo em círculo, com as cabeças posicionadas como os ponteiros de um relógio. Depois de um longo momento de hesitação, as respostas convergiram para o algarismo cinco. Freud aquiesceu novamente. O jogo parecia fácil para aqueles que haviam adivinhado as respostas. Adler e Stekel se perguntavam se Freud não havia envelhecido por supor que fossem tão lentos para compreender.

Quando ele pôs um dos palitos de fósforo no sentido inverso dos ponteiros de um relógio, deixando os outros no lugar, todos exclamaram a um mesmo tempo: quatro. Após um breve momento de silêncio, Freud lhes anunciou o algarismo dois.

As testas se enrugaram imediatamente e uma discussão animada se seguiu a isso. Jones reivindicou a necessidade de concentração prévia antes que um ou outro se pronunciasse publicamente. Freud lhe respondeu que não era proibido refletir em grupo, mas que estava fora de questão impedir quem quer que fosse de falar espontaneamente, tendo descoberto ou não a solução. A única condição exigida era que quem descobrisse o enigma não revelasse o caminho aos outros, a fim de permitir a cada um descobri-lo por si mesmo.

Quando Freud anunciou o algarismo um, depois de ter disposto os palitos de fósforo em forma de estrela, alguns se angustiaram.

As tentativas se sucediam e ninguém mais descobria o algarismo correto. Nenhum raciocínio lógico era capaz de adivinhar a resposta, fosse este o paralelismo dos palitos, o sentido das cabeças de fósforo ou a anulação dos sentidos contrários, da qual se pudesse deduzir uma subtração. Jones,

o mais hábil em matemática, acabou por apoiar-se na ordem e na sequência dos algarismos anunciados por Freud, independentemente da disposição dos palitos. Freud lhe deu razão momentaneamente, deixando-lhe adivinhar a resposta seguinte.

Depois disso, seguiu-se nova desilusão generalizada. Freud supostamente sabia a lógica que determinava o jogo, mas toda tentativa de identificar o seu raciocínio se mostrava infrutífera.

Os discípulos estavam fascinados por esses palitos, que os deixavam impotentes uns em relação aos outros.

Por terem sido *os mais próximos de Freud*, os primeiros a adivinhar foram Jung e Ferenczi.

Trocaram entre si um olhar incrédulo, não ousando acreditar ainda na simplicidade da solução. Aguardaram algumas tentativas suplementares para se certificarem definitivamente de que não haviam se enganado e concluíram anunciando sucessivamente os algarismos corretos.

Freud lhes recordou a necessidade de manter o silêncio para deixar aos outros o tempo de compreender.

Em seguida, foi a vez de Abraham concluir e, progressivamente, os outros descobriram a solução.

Restavam Jones e Eitingon, que continuavam a discutir.

Paciente, Freud os deixou fazê-lo. Com muita inteligência, Jones anunciou que, como faltava o zero, a sequência de algarismos não se sustentava e o jogo então não tinha nenhum sentido. Ele examinou minuciosamente, porém em vão, todas as teorias lógicas desde a Antiguidade.

Impaciente, Freud lhe deu a solução. Enquanto se mantinham inteiramente fascinados e medusados pelos pequenos pedaços de madeira com a ponta vermelha, a alguns centímetros atrás destes, ele lhes indicava com os dedos da mão o algarismo que tentavam inutilmente descobrir.

A RESISTÊNCIA À ANÁLISE E A RESISTÊNCIA À TEORIA ANALÍTICA

Inclino-me a tratar os colegas que oferecem resistência exatamente como tratamos pacientes na mesma situação.

— *Sigmund Freud* (carta a Jung de 1º de janeiro de 1907)